



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Na natureza selvagem

Algumas ideias quando se concretizam diante de nossos olhos parecem definitivas. É assim com o rio. No léxico das grandes cidades, a palavra que o define não remete ao acidente geográfico, mais se assemelhando a um incidente em meio ao fulgor dos dias. É menos um lugar concreto e mais um vão que preenchemos de percepções vagas. Como o espaço entre duas pistas de asfalto que levam, em direções opostas, os automóveis. Parênteses ou vírgulas que desejamos apagar de nossas narrativas.

Penso nessas coisas e fecho os olhos. Quando os reabro estou diante do Rio Negro. E quando me dou conta, a imagem que há anos associo a essa palavra, rio, evapora.

Definitivamente, o Negro não é o rio que conheço.

Primeira grande novidade. A via, os caminhos são aquáticos. O rio não é uma ideia externa, é um lugar concreto, penetrável como um Parangolé, repleto de sua vida própria: regras, idiosincrasias e fábulas que são oralizadas a cada um que o visita.

O Negro – e assim parecem ser os grandes rios dos trópicos – não é um mero objeto de contemplação, ou um complemento à história dos homens e de suas comunidades. Não é como o Sena ou o Danúbio – que deveriam ser abrigados sob outra etiqueta. O Negro tem vida própria. Manaus está em suas margens. Mas a cidade é não mais que um elemento de seu curso. Como são as aldeias indígenas, ou colossos da natureza como as Anavilhanas. O Negro tem um caráter existencialista,

movido por suas próprias escolhas.

Penso nessas coisas de modo difuso, em rompantes de euforia e consternação, dentro do barco que me leva entre as suas margens em direção à floresta. O longo curso que, em algum momento, me dizem, alcançará a Colômbia, em sua nascente. Penso nessas coisas e me lembro de Joseph Conrad. O escritor que fez das histórias do mar material para um dos trabalhos mais impactantes da literatura ocidental.

Penso nele e nas versões de sua obra mais conhecida, *Coração das trevas*. A novela escrita nos estertores do século XIX, e sua adaptação cinematográfica, *Apocalypse now*, dirigida por Francis Ford Coppola, em 1979.

Com uma longa carreira na marinha mercante inglesa, Conrad, polonês de origem, fez das histórias do mar o cenário para sua aguçada reflexão sobre os homens. Seus personagens são, em sua maioria, homens vocacionados a esse ofício e ao mesmo tempo articulados o suficiente para extrair alguma reflexão dessas experiências. Boa parte de sua obra é conduzida por uma visão retrospectiva de seus narradores, que se põem a relatar algo de extraordinário que tenha lhes acontecido.

A novidade de *Coração das trevas* é que os fatos revelados não se dão na experiência diária de um grande navio a cortar os mares, mas na precariedade da selva africana. É nesse ambiente que Marlowe, funcionário de uma companhia belga que explora o comércio no Congo (a narrativa é espelhada na tra-

O rio Negro tem vida própria. Manaus está em suas margens. Mas a cidade é não mais que um elemento de seu curso. O Negro tem um caráter existencialista, movido por suas próprias escolhas

jetória de Conrad, que comandara uma embarcação no país africano), aguarda o conserto de um velho navio-vapor para que possa, enfim, partir na direção de um dos postos da empresa no interior da selva, administrado por um sujeito chamado Kurtz, num trajeto ao longo de um rio sinuoso.

Fala-se aqui de uma África dividida como um tabuleiro de War entre as potências europeias, que exploram todas as riquezas naturais da região - no caso da companhia que emprega Marlowe, o marfim.

Já o tenente Willard, vivido por Martin Sheen, na adaptação de Coppola, depois de uma longa espera em Saigon, é enfim convocado para uma nova missão: partir numa expedição pelo rio Nung, que pretende localizar o Coronel Kurtz, que desertou, refugiando-se em algum rincão perdido da selva do Camboja.

Aqui já mudamos de cenário, do Congo para o sudeste asiático, onde os americanos vivem seu inferno, e Kurtz de ofício - apesar do crânio lustroso de Marlon Brando ser uma fidedigna versão da descrição conradiana: "a selva lhe afagou a cabeça, e eis que ela ficou igual a uma bola - uma bola de marfim". Mas o rio permanece. O rio na acepção que penso ser necessária para diferenciar o Negro: o caminho que leva ao desconhecido.

No original de Conrad, Marlowe acaba desenvolvendo um desejo cada vez mais incontrolável de se encontrar com Kurtz,

como se esse pudesse revelar algum aprendizado substancial sobre aquela experiência. O tenente Willard já vive seu inferno particular antes mesmo de embarcar, e que irá explodir numa onda de violência ao encontrar Kurtz.

Por caminhos distintos, as duas versões são movidas pelas engrenagens comerciais num mundo com matizes distintos de colonialismo. Do extrativismo mais brutal, escravagista e dizimador na exploração europeia do continente africano, às demandas ideológicas da Guerra Fria, em meio à guerrilha comunista do sudeste asiático.

A confluência dessas duas versões se dá no encontro de Willard com uma colônia de franceses, que por anos exploraram o Vietnã. Que de certo modo metaforiza, já nos anos 1960, a dissolução dos grandes impérios europeus, substituídos pelo projeto americano.

Mas as motivações individuais e o efeito dessa experiência sobre os homens se assemelham, muito além da ganância e da ideologia, de décadas e espaços geográficos. Não é diferente da Amazônia do ciclo da borracha. Dos milhares de estrangeiros que, como Henry Ford, vislumbraram na selva brasileira um novo eldorado. O ímpeto que leva os homens a embarcar e se lançar floresta adentro. Algo que, mesmo por um instante breve, sinto seguindo pelas águas turvas do Negro, ao ser cortado pela brisa quente que se cola aos meus braços, enquanto percorro as suas águas.